



Boletim Diário

Nº 13 23 de novembro de 2025

UNITED NATIONS CLIMATE CHANGE CONFERENCE

COP30
AMAZÔNIA

CUIDAR DO PLANETA PARA O FUTURO DA HUMANIDADE

BELÉM • BRASIL • 2025

D I A D E E N C E R R A M E N T O

COP30 TERMINA EM BELÉM: AVANÇOS NO FINANCIAMENTO, MAS A QUESTÃO DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS FICA SEM RESPOSTA

Após duas semanas de negociações intensas em Belém, Brasil, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30) concluiu-se com resultados mistos. Embora os países tenham concordado com passos importantes para o financiamento climático e o apoio às nações vulneráveis, a cúpula falhou na questão mais crítica: um plano claro para abandonar os combustíveis fósseis.

O PACOTE DE BELÉM E O MUTIRÃO GLOBAL: O QUE FOI ACORDADO

O principal resultado da COP30 é o Pacote de Belém, também chamado de decisão do Mutirão Global. Mutirão — um termo brasileiro para esforço comunitário coletivo — apresenta o acordo como um chamado global para trabalhar juntos pela ação climática.

O que o Pacote Contém

O Pacote reúne vários elementos: o quadro do Mutirão Global para ação coletiva; um Acelerador Global de Implementação para apoiar os países no cumprimento de compromissos; a “Missão Belém para 1,5°C”; o reconhecimento dos direitos dos Povos Indígenas e a proteção das florestas; medidas de transição justa para trabalhadores; indicadores de progresso compartilhado; e metas de financiamento climático, incluindo US\$ 1,3 trilhão por ano até 2035 e o triplo do financiamento para adaptação até 2035.

A fraqueza central: linguagem suave e não vinculativa

A análise do Carbon Brief mostra que o texto depende fortemente de verbos passivos. Ele “reconhece” questões 12 vezes, “recorda” compromissos passados outras 12 vezes e “assinala” problemas 9 vezes — mas “decide” apenas 8 vezes, na maior parte para criar comitês ao invés de exigir ações.

Sobre ações climáticas-chave, o texto simplesmente “solicita”, “conclama” ou “convida” os países a agir: triplicar o financiamento para adaptação (cinco anos mais tarde que rascunhos anteriores), implementar planos climáticos “enquanto se esforçam para fazer melhor”, desenvolver planos de implementação e deter o desmatamento — sem roteiro ou mecanismos de execução. Essas expressões revelam esperança, não obrigação.

O mais notável: o texto de Belém **não contém referência aos combustíveis fósseis e não oferece caminho** para eliminar petróleo, gás ou carvão — um claro retrocesso em relação à COP28.

O QUE ISSO SIGNIFICA

O contraste entre simbolismo e substância é nítido. A ideia do mutirão evoca solidariedade e responsabilidade compartilhada, mas o texto constrói estruturas institucionais — missões, aceleradores, diálogos — sem exigir ação real. Ele admite que os países estão fora do caminho e que os compromissos atuais levam a um aquecimento perigoso, mas não oferece responsabilização nem consequências.

A omissão completa de linguagem sobre combustíveis fósseis revela a força do lobby dos países produtores. Muitas decisões são adiadas para reuniões futuras, mantendo o consenso ao evitar confrontos.

O progresso real agora depende de se as pessoas e os movimentos responsabilizarão seus governos. O verdadeiro mutirão deve vir da sociedade, não apenas dos Estados.

OS PRINCIPAIS ACORDOS: O QUE FOI DECIDIDO?

Financiamento climático recebe um grande impulso

Os países se comprometeram a mobilizar pelo menos US\$ 1,3 trilhão por ano até 2035 para ajudar as nações a enfrentar as mudanças climáticas. Trata-se de um aumento substancial em relação aos níveis atuais. Dentro desse objetivo maior:

- Os países desenvolvidos concordaram em liderar a provisão de financiamento climático, com participação do setor privado
- O financiamento para adaptação (recursos para ajudar os países a se preparar para os impactos climáticos) será dobrado até 2025 e triplicado até 2035
- O Fundo de Perdas e Danos, que ajuda os países a se recuperar de desastres climáticos, foi oficialmente ativado com regras claras para reposição regular e distribuição justa

Para contextualizar: o financiamento para adaptação ajuda os países a construir defesas contra enchentes, desenvolver culturas resistentes à seca e proteger comunidades costeiras. O Fundo de Perdas e Danos fornece apoio após os desastres — quando furacões destroem casas, quando secas devastam colheitas, quando o aumento do nível do mar força comunidades a se deslocar.

Transição Justa: apoiando trabalhadores e comunidades

Uma das conquistas significativas da COP30 foi o avanço nos mecanismos de “transição justa” — garantindo que a mudança para energia limpa não deixe trabalhadores e comunidades para trás. Isso foi reconhecido pela sociedade civil como uma vitória importante, mesmo em meio a decepções mais amplas.

O que é Transição Justa?

Quando os países abandonam os combustíveis fósseis e migram para energias renováveis, milhões de trabalhadores de minas de carvão, campos de petróleo e usinas de gás podem perder seus meios de subsistência. Comunidades inteiras construídas em torno dessas indústrias podem entrar em colapso. Uma “transição justa” significa oferecer:

- Programas de requalificação para que os trabalhadores adquiram habilidades em energia renovável, tecnologia verde e outros setores emergentes
- Proteção social e apoio à renda durante o período de transição
- Investimento em comunidades afetadas para criar novas oportunidades econômicas
- Participação significativa de trabalhadores e comunidades no planejamento da transição

Os países concordaram em criar marcos que apoiem trabalhadores e comunidades durante a mudança para economias limpas, garantindo que a ação climática avance com justiça social, e não à sua custa.

A Agenda de Ação: 117 soluções práticas

Um resultado tangível importante foi a Agenda de Ação da COP30, que apresentou mais de 117 planos de soluções práticas em seis áreas principais:

- Transformação energética e energia renovável
- Proteção florestal e fim do desmatamento
- Sistemas alimentares sustentáveis
- Resiliência urbana e cidades inteligentes para o clima
- Indústria verde e manufatura limpa
- Soluções baseadas na natureza, incluindo proteção de turfeiras e manguezais

Esses planos práticos representam passos concretos e acionáveis que países, cidades e organizações podem implementar imediatamente, avançando além de compromissos gerais para projetos e programas específicos.

Povos Indígenas lideram com sua própria Declaração

Em um desenvolvimento significativo, líderes indígenas emitiram sua própria Declaração Política na COP30, exigindo:

- Proteção forte e vinculante dos territórios indígenas
- Medidas aplicáveis para deter o desmatamento em suas terras
- Fim imediato da extração de combustíveis fósseis em territórios indígenas
- Reconhecimento de que as comunidades indígenas não são apenas vítimas, mas líderes em soluções climáticas

Essa declaração representa os povos indígenas assumindo um papel central nas negociações climáticas, afirmando seus direitos e sua expertise na proteção das florestas e ecossistemas essenciais para combater as mudanças climáticas.

Declarações e compromissos adicionais

A COP30 também produziu várias declarações importantes abordando:

- Mudança climática e urbanização — ajudando cidades a se adaptarem e se tornarem mais resilientes
- Integridade da informação — combatendo a desinformação climática e garantindo que informações precisas cheguem ao público
- Racismo ambiental — reconhecendo como os impactos climáticos prejudicam desproporcionalmente comunidades marginalizadas
- Pobreza e fome — reconhecendo as conexões entre mudanças climáticas e segurança alimentar
- Gestão integrada do fogo — protegendo comunidades e ecossistemas de incêndios florestais cada vez mais severos

A GRANDE DECEPÇÃO: OS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Apesar de ter ocorrido no coração da Amazônia — um dos ecossistemas mais importantes do mundo ameaçados pelas mudanças climáticas — a COP30 não conseguiu alcançar aquilo que muitos esperavam ser seu principal triunfo: um acordo vinculante para eliminar gradualmente os combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás).

O que aconteceu?

Mais de 80 países, juntamente com cientistas do clima, comunidades indígenas e organizações da sociedade civil, pressionaram fortemente por um roteiro detalhado com metas e prazos específicos para a transição longe dos combustíveis fósseis. No entanto, nações exportadoras de petróleo bloquearam esses esforços. O acordo final inclui apenas uma linguagem vaga sobre “transição para longe dos combustíveis fósseis” — o mesmo texto da COP28 em Dubai — sem metas vinculantes, sem prazos e sem mecanismos de implementação.

Por que isso importa

Os combustíveis fósseis são o principal motor das mudanças climáticas. Sem um plano claro para eliminá-los, o mundo não conseguirá limitar o aquecimento global a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais — o limite que os cientistas consideram necessário para evitar os impactos mais catastróficos.

Atualmente, o mundo caminha para um aquecimento de 2,3–2,5°C, o que traria secas, enchentes e furacões mais frequentes e severos, escassez de alimentos e o deslocamento de milhões de pessoas. A janela para evitar isso está se fechando rapidamente.



REAÇÕES: QUEM DISSE O QUÊ?

A visão otimista

O Secretário Executivo da ONU para Mudanças Climáticas, Simon Stiell, adotou um tom cautelosamente otimista na cerimônia de encerramento:

“Sabíamos que esta COP ocorreria em águas políticas turbulentas. A negação, a divisão e a geopolítica causaram golpes pesados na cooperação internacional este ano. Mas, amigos, a COP30 mostrou que a cooperação climática está viva e forte, mantendo a humanidade na luta por um planeta habitável, com firme determinação de manter 1,5°C ao nosso alcance. Não estou dizendo que estamos vencendo a luta climática. Mas é inegável que ainda estamos nela, e estamos reagindo. Aqui em Belém, as nações escolheram solidariedade, ciência e bom senso econômico.”

Resposta mista da sociedade civil

Organizações de justiça climática, líderes indígenas, jovens ativistas e grupos científicos apresentaram reações mistas. Embora tenham reconhecido avanços importantes em transição justa, financiamento e a Agenda de Ação, foram profundamente críticos quanto ao fracasso sobre combustíveis fósseis. Eles descreveram o resultado como:

- Uma “traição” às comunidades vulneráveis que já sofrem
- Permitir a continuidade da expansão dos combustíveis fósseis
- Priorização das indústrias poluentes em detrimento das pessoas e do planeta
- Dependência excessiva de soluções baseadas no mercado em vez de investimento público

Mesmo assim, muitos elogiaram avanços no financiamento, mecanismos de transição justa e a Agenda de Ação prática — chamando-os de “vitórias limitadas, porém cruciais”. Eles enfatizaram que a verdadeira liderança não vem dos negociadores governamentais, mas dos movimentos populares e das comunidades indígenas.

A posição dos países em desenvolvimento

Pequenos Estados insulares e países latino-americanos ficaram particularmente desapontados. Nações como a Colômbia protestaram publicamente contra a linguagem enfraquecida sobre combustíveis fósseis. Esses países enfrentam a elevação do nível do mar, tempestades mais fortes e insegurança alimentar.

Eles acolheram positivamente o aumento do financiamento e as medidas de transição justa, mas deixaram claro que o incrementalismo dos países ricos enfraquece a justiça e a ambição.

O equilíbrio dos países desenvolvidos

A COP30 reflete a realidade atual da política climática: forte reconhecimento da crise, novos marcos, mas resistência a compromissos vinculantes que exigem transformações difíceis.

As projeções de aquecimento melhoraram — de 4°C antes de Paris para 2,3–2,5°C agora — mas ainda são insuficientes. O sucesso dos mecanismos da COP30 — o Acelerador Global de Implementação, os 117 planos da Agenda de Ação, os roteiros de transição e florestas, e os programas de transição justa — depende da implementação antes da COP31.

O quadro geral

A União Europeia ameaçou bloquear o acordo a menos que os compromissos sobre combustíveis fósseis fossem reforçados, mas acabou recuando. Os países desenvolvidos destacaram o financiamento e a Agenda de Ação como liderança, embora críticos argumentassem que eles diluíram obrigações e não assumiram responsabilidade histórica.

O QUE VEM A SEGUIR?

A presidência do Brasil anunciou dois roteiros voluntários:

1. Um roteiro para acabar com o desmatamento
2. Um roteiro para uma transição justa e ordenada longe dos combustíveis fósseis

Os países agora devem preparar Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) fortalecidas antes da COP31.

A MENSAGEM FINAL

A COP30 entregou avanços importantes:

- ✓ Grandes compromissos de financiamento climático (US\$ 1,3 trilhão até 2035)
- ✓ Triplicação do financiamento para adaptação e ativação do Fundo de Perdas e Danos
- ✓ Mecanismos de transição justa
- ✓ 117 planos práticos de soluções climáticas
- ✓ Novos indicadores de monitoramento
- ✓ Forte protagonismo indígena

No entanto, falhou em seu teste mais importante: fornecer um caminho vinculante para eliminar os combustíveis fósseis.



Um chamado à ação: a luta continua

Para as pessoas em todo o mundo, a luta por um clima mais seguro continua. A COP30 oferece aos governos trabalho fundamental a ser feito, mas pressão pública contínua, organização comunitária e solidariedade global são essenciais.

Para pessoas de fé e consciência, a COP30 reafirma a necessidade de liderança moral: solidariedade com os mais afetados, cuidado com a criação e defesa fundamentada na justiça. Os compromissos de transição justa e a Agenda de Ação prática mostram que o progresso significativo é possível — quando há pressão.

